

Rio : 4 de Janeiro

---

Meu caro Antonio Salles.

Durante quatro ou cinco mezes, ouvi e li noticias dos Retratos e Lembranças — e já me cuidava esquecido. Eis, porem, o volume, que chegou retardado, em fins de Novembro, enviado desde Julho ! O prazer não foi menor, e justifico mal a excusa do agradecimento tardio.

Como é boa a sua memoria, ó dilecto Salles, que illumina as imagens levadas para longe, no tempo, e supprime o espaço que as separa ! Realmente os retratos são vivos, e as lembranças douradas ainda do sol de mocidade que a ellas se prendeu. Machado de Assis, Joaquim Nabuco, José Verissimo, Lucio de Mendonça, Eucllydes da Cunha, Graça Aranha, os da Revista Brasileira, e os da Padaria Espiritual, e os amigos da Panellinha, e todos os outros, e, principalmente, entre todos, aquelles maiores, os mortos-vivos, que você faz vir da Sombra — nós os sentimos presentes, que pensam, e falam, e sorriem, e se movem, e se tornam mais nossos conhecidos, e um pouco nossos amigos, porque eram seus ; e, pela magia da evocação, ganham mais fascínio aos nossos olhos, e melhor os julgamos e compreendemos.

Devo dizer-lhe, por exemplo, que me temia de Machado de Assis, que nunca vi ? Assim era. Podia chamar-lhe, a isso, o temor de definir. A admiração buscava-me o secreto sentido de certas antinomias da arte assisiana, cujo intento ironico não quizera aceitar como travo de amargura intellectual, antes como força de uma alma limpa e livre. E receiava enganar-me... Especie de hesitação da intelligencia. Mas você trouxe uma luz que doura e anima o autor de Dom Casmurro. Agora mesmo, enquanto escrevo, é como se os visse a ambos, a você e elle; e por pensamento os vejo aos dois, na humilde sala da Revista Brasileira : você, o joven poeta e prosista de 1896, radioso de talento e graciosa modestia, e elle, o mestre risonho, que marcha ao seu encon-

tro — para estreitar, com as duas mãos, a mão que você lhe estende ! E esse gesto de cordialidade espontanea, que o livro revela, testemunho psychologico dos mais preciosos, foi bom que a lembrança o tivesse guardado. O homem Machado de Assis, que escreveu as Memorias Posthumas e re-creou o Corvo, e a quem certos admiradores faceis ou detractores ingenuos não sabem estimar justamente, resurge de funda humanidade, mais completo e mais proximo. A timidez, que lhe attribuiram, era attitudo consciente, inspirada por natural delicadeza ; e o mal, que por vezes o accommettia, nada mais que uma turbação physica passageira, sem relação com o engenho artistico. (Um dia passará da moda a mesquinha illusão pretenciosa, que é falsa sciencia, apenas fundada em apparencias vãs, e por força da qual se procura explicar a vã coincidência de phenomenos fortuitos... Reconhecemos, então, que os maniacos forjadores de explicações pathologicas nada merecem. Na verdade, de todas as criticas até hoje feitas á obra de Machado de Assis, a mais valiosa continúa sendo a mais intellectual, a do consciencioso, comedido e serio Verissimo).

A proposito de Verissimo, cuja importancia parece accentuar-se de anno a anno, são de igual interesse as referencias contidas nos Retratos e Lembranças. Ainda ahi você achou, com a simples citação de factos e gestos, o meio seguro de fornecer dados psychologicos irreductiveis...

Que character e consciencia de homem de letras esse José Verissimo, ora reflectido no crystal das evocações que lembram e retratam ! Recordo eu mesmo que fui apresentado a elle por você, junto a um balcão das altas estantes da Livraria Garnier, ao qual se achava recostado... O acolhimento, modesto e amavel, que dispensou ao noviço, teve no mesmo instante a virtude de dissipar o engano juvenil que me turbava á perspectiva de tal approximação ; e, depois, muitas vezes, o encontrei, e lhe falei, e jamais, jamais, me voltou a antiga e absurda suspeita que o tinha por empavezado e, literariamente, zangado. Ao contrario, sempre o vi, a seguir, ameno e brando. Nem amenidade e brandura excluïam a gra-

vidade do critico. Talvez assim, brando e ameno, elle suppunha que, apresentado por um Antonio Salles, a quem conhecia e queria, possuisse eu algum merito, acaso escondido... Ou talvez, em parte, a benevolencia que passou a mostrar-me procedia de certa confiança literaria no "espirito do Norte" — desse Norte inquieto, romantico, ardente, habituado a mandar para alem dos seus horizontes aos seus homens de imaginação incontida — o Norte de onde eu vinha, de onde partira você, e de onde elle mesmo tinha saído.

Para bem dizer, não ha esmiuçar nos Retratos e Lembranças. Os estudos que reune são excellentes. Se fosse preciso escolher, eu escolheria... todos. Livro de boa literatura, e livro-depoimento para a historia literaria. Livro de <sup>uma</sup> categoria rara nas letras do Brasil, variada e rica nas grandes literaturas estrangeiras, e caracteristicamente moderna. Ao fim da leitura, estamos com sentimento de viajante que se deleitou á vista de terras e gentes varias, de nemurosos recantos e praias argentadas ao sol, e a quem ficou vontade de correr ~~namánnnn~~ mais caminhos que lhe renovem o prazer deixado atrás. A esta impressão se junta a suspeita de que você podia ter demorado mais tempo, ou fossem mais paginas, a contar lembranças como essas, porque sem duvida estará lembrado de muito mais, que não contou...

E' evidente que tão bom livro se fez pouco a pouco, quasi sem o pensamento de que viria a ser feito. E' prova, mais uma vez, de que o Acaso, que temos como o dispensador caprichoso de todos ~~namánnnn~~ os descobrimentos, engendra, por potencia subtil e secreta, o bom ou o mau destino — o dos homens e o das cousas. Em literatura, a consciencia é boa conselheira, mas as obras primas nunca foram realizações calculadas e predeterminadas. Nem erro existe em suppor que a gestação dos livros se opera um tanto como a dos filhos: só á grande luz apparecem, pouco a pouco, as finas qualidades impressivas. Então será vez de dizer: Que livro bello ! Quanto a você, esteja tranquillo e contente: os Retratos e Lembranças lhe saíram bello filho.

Ao trazer-lhe meus agradecimentos, neste alvorecer do Anno, ponho a leitura que me deu no balanço dos lucros de 1938. Mas entre as esperanças a que ponho asas para 1939, inclúo a de revel-o. Virá você ao Rio nos mezes que se approximam ?

Se assim fôr, diga-me: Até breve! E, antes, transmitta minha affectuosa lembrança a D. Alice, a quem beijo a mão -- e creia na constancia do amigo que é sempre seu, não obstante o silencio e a distancia que ás vezes se alongam entre nós.

*Americo Facó*

---

P.-S. -- Convem notar-lhe que é pena a ausencia do seu volume nas livrarias do Rio. Ha pessoas desejosas de adqueril-o, sobretudo as que se votam a estudos de critica e historia literaria. Não está o seu editor de Fortaleza em relação com os livreiros cariocas ? Seria bom distribuir uns cem ou duznetos exemplares, depois de entendimento commercial, a firmas como Briguiet-Garnier, José Olympio, Livraria Alves...

De outra parte, se ao autor restam dois "disponiveis", peço-lhe que os offer-te aos meus amigos, cujos endereços aqui ponho:

**José Vieira : Livraria José Olympio - Rua do Ouvidor n. 110.**

**Augusto Mayer: Director do Instituto do Livro -- Ed. da Bibliotheca Nacional**

---

§ Em tempo. Conto dar-lhe proxima noticia a respeito das "Miudezas" e do romance do Oliveira Paiva. Não pense que fiquei esquecido, ou desinteressado. As razões (e não a razão) têm sido as más dos editores - cafila numerosa e anti-intellectual.

*Américo*

Endereço:

Rua Paysandú, 287.